

Prática de Educação Patrimonial: Redescobrimos O Castelo Simões Lopes

Heritage Education Practice: Rediscovering The Simões Lopes Castle

Bárbara De La Rosa Elia

Mestranda em Educação
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Thayná Vieira Marsico

Mestranda em História
Universidade Federal Minas Gerais (UFMG)
marsicothayna@gmail.com

Recebido em: 25/03/2022

Aprovado em: 08/07/2022

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar e discutir algumas das práticas em sala de aula envolvendo as noções de Educação Patrimonial apresentadas aos alunos do quarto ano do ensino fundamental, utilizando um patrimônio edificado da cidade de Pelotas/RS, o Castelo Simões Lopes, como objeto de apropriação destes alunos. Uma das motivações para a escolha deste espaço se dá pelo severo grau de degradação que o Castelo enfrentava, tanto pelas ações predatórias como pelas ações do tempo e a falta de manutenção. Tais práticas foram desenvolvidas durante o ano de 2017, como projeto nas disciplinas de Educação Patrimonial I e II do curso de História Bacharelado da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O projeto foi desenvolvido em duas etapas, a primeira com a elaboração do pré-projeto, momento em que o objeto fora definido, para então iniciar a segunda etapa, que consistia na execução de dinâmicas lúdicas que trabalhassem o sentimento de pertença, identidade e preservação, resultando em uma atividade incentivadora aos alunos, que participaram efetivamente no projeto ressignificando este espaço.

Palavras-chave: Ação Educacional; Castelo Simões Lopes; Escola Pública.

Resumen/Abstract: This article aims to report and discuss the practices involving the Heritage Education concepts presented to the fourth grade students from elementary school, employing an heritage building of Pelotas/RS, Simões Lopes Castle, as the object of appropriation of these students. One of the motivations for choosing this space is due to the severe degree of degradation that the Castle faced, both due to vandalism as well as the actions of the time and the lack of maintenance. Such practices were developed during the year 2017, as a project for the Heritage Education I and II subjects of the Bachelor of History undergraduate course at Federal University of Pelotas (UFPEL). The project was developed in two stages, the first with the elaboration when the object was defined, and then the second stage, which consisted of its actual implementation.

Palabras clave/Keywords: Educational Action; Simões Lopes Castle; Public School.

Apresentação

Este trabalho teve como objetivo relatar o projeto realizado no ano de 2017 durante as disciplinas de Educação Patrimonial I e II do curso de História Bacharelado da Universidade Federal de Pelotas com alunos do quarto ano de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS. A partir dele, buscou-se a discussão de alguns aspectos do ensino através do contato inicial dos alunos com o conceito de patrimônio cultural, auxiliando-os a desenvolver noções de cidadania e identidade. O objeto de estudo foi a edificação conhecida como Castelo Simões Lopes, em um bairro homônimo, também na cidade de Pelotas. A construção foi residência de Augusto Simões Lopes, uma figura importante no cenário pelotense, o qual ocupou o cargo de Intendente Municipal, além de promover a política através do desenvolvimento da Educação local (OLIVEIRA; TAMBARA; AMARAL, 2010, p. 90). Desde 1991, o Castelo é de propriedade da Prefeitura Municipal de Pelotas e é considerado patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Estado (IPHAE). Em 1922, a construção do mesmo foi finalizada, situado na Avenida Brasil, 824. Seu estilo arquitetônico recebeu influências de diferentes países e épocas, além de apresentar diversas inovações, embora sua materialização apresente relação direta com a identidade local¹. Apesar disso, a potencialidade desse patrimônio encontrava-se comprometida, uma vez que ele se apresentava em grande parte degradado.

Dessa forma, buscou-se problematizar questões como sentimento de pertença, valorização e preservação patrimonial em meio a alunos do quarto ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Félix da Cunha. Foram selecionados estudantes entre nove e dez anos, pois é considerada uma faixa etária essencial para a construção e inserção das noções de Educação Patrimonial (CUSTÓDIO, 2000, p. 10), ao mesmo tempo que também tornou cabível a implementação de atividades lúdicas através de

¹ De acordo com o site do *IPatrimônio*, projeto que busca ampla divulgação dos registros patrimoniais no Brasil, aponta: “A edificação, construída no centro do terreno, apresenta torres, ameias e terraços, lembrando os antigos castelos medievais. Conforme relato de descendentes, o projeto e a construção foram do arquiteto alemão Fernando Rullmann, mas o proprietário fez inúmeras alterações no decorrer das obras. A estrutura é de cimento armado, uma novidade para a época, e as paredes são em alvenaria de tijolos. A edificação possui dois pavimentos e porão habitável, que era destinado a adega de vinhos e acomodações para empregados. No térreo havia espaços de convívio e dormitórios, e no pavimento superior encontravam-se os demais dormitórios, banheiros e escritório, com acesso a amplos terraços. O Castelo Simões Lopes teria sido a primeira casa a ter calefação em Pelotas, com uma fornalha a carvão e lenha localizada no porão e radiadores em todas as peças”. LUCENA, Caio Cardoso; BARROS, Cida; SOSTER, Sandra Schmitt (Org.). Pelotas – Castelo Simões Lopes. *IPatrimônio*, 2017.

jogos (PEREIRA; CARDOSO, 2003, p. 113). Ainda, a escolha de tal escola divergia em um aspecto importante para a aplicação do projeto: o vínculo territorial de boa parte dos educandos com o monumento, visto que a escola e o Castelo estão a dois quilômetros de distância entre si, o que provavelmente dificultaria a organização de uma possível visita com a turma, conseqüentemente a identificação pessoal ou sentimento de pertença, pois os alunos poderiam não conhecer ou saber sobre o referido prédio. Ainda, sobre a questão da visita guiada, não seria possível levar as crianças até lá, mesmo com atividades feitas terreno, já que precisaríamos de uma aprovação por parte da Prefeitura Municipal, dificultada pelo tempo hábil que tínhamos para a execução das atividades. Paralelamente, a questão territorial toma outro sentido, pensando também nas crianças que moram no mesmo bairro onde está o Castelo, e portanto, passam por ele todos os dias e nem sempre sabem o significado histórico deste espaço, ao passo em que a imagem da família Simões Lopes está de forma tão presente na construção do identitário pelotense.

Dentre os principais propósitos desta prática, podemos apontar o fomento e a tentativa de despertar o interesse da preservação e salvaguarda da edificação (TEIXEIRA, 2008, p. 202), mostrando que não basta o patrimônio estar institucionalizado, mas sim, possuir reconhecimento perante a sociedade; reaver a história deste patrimônio cultural para Pelotas; questionar as políticas públicas de preservação, apontando para a preferência em preservar patrimônios centrais na cidade em detrimento dos espacialmente marginalizados, como era o caso de degradação do Castelo Simões Lopes que contrastava com a preservação de outros lugares de memórias (NORA, 1993) referentes a ele contida no centro da cidade.

Durante este artigo percorreremos os passos da construção deste projeto, desde a fundamentação teórica, baseada em quatro autoras que veremos a seguir, que nos guiaram nas práticas e saberes que cercam o patrimônio edificado, principalmente pelas etapas metodológicas de Evelina Grunberg (2007), que nos aponta quatro estágios fundamentais para a construção dos saberes patrimoniais. Vamos partir das decisões referentes às atividades e como ocorreu a aplicação dos métodos teóricos para os práticos, até o momento da execução das atividades lúdicas, das quais nos aprofundaremos mais tarde. Dito isto, este trabalho busca contribuir para os estudos que envolvem a Educação Patrimonial em sala de aula, bem como a troca de experiências obtidas através da realização deste projeto.

Bases norteadoras para construção dos saberes

A Educação Patrimonial proporciona aos indivíduos a oportunidade de conhecer a história local, despertando o interesse para a difusão de ações e iniciativas que contribuem no desenvolvimento de projetos envolvendo o patrimônio cultural da cidade, ressignificando antigos e novos espaços, dando à sociedade o direito de identificação (IPHAN, 2014). Ter essa noção de representatividade e do sentir-se envolvido ao passado e presente da cidade, é um dos resultados de quando se estuda sobre patrimônio, e é imprescindível que todos tenham contato com os conceitos da Educação Patrimonial (SCHIAVON; SANTOS, 2011, p. 6). Despertando o interesse pela sua localidade, o indivíduo se torna mais consciente do que está acontecendo e das decisões que estão sendo tomadas pelos órgãos políticos do lugar. Além disso, este também se transforma em agente para tornar a comunidade mais conhecedora do que é seu, contribuindo para a redução da depredação de lugares e monumentos. É o que apontam os autores Ângela Mara Bento Ribeiro e Carlos José de Azevedo Machado (2014, p. 115):

Trazendo o conhecimento da comunidade, a diversidade de bens materiais e imateriais existentes na cidade e com as ações de educação, que é uma forma de sustentar a produção da memória e estar alicerçado na produção do presente que se torna passado e produz a construção da sociedade. Se argumentarmos que a comunidade é o melhor guardião do patrimônio conforme Cerqueira (2008, p. 13), “lembrando as palavras de Aloísio Guimarães: “(...) Só se protege o que se ama só se ama o que se conhece (...)”. Esse conhecimento fará parte do cotidiano da comunidade e entre si através de uma prática contínua de envolvimento em que haja amadurecimento do cidadão.

Sendo assim, o desenvolvimento dessa prática se torna fundamental, na medida em que essas experimentações vão enriquecendo tanto as experiências de cunho acadêmico – acrescentando bibliografia ao descrever tais atividades – mas também, incluindo a primeira infância em conceitos iniciais de bens culturais e sua relevância. Em alguns dos textos estudados durante as disciplinas de Educação Patrimonial I e II, discutimos sobre a importância do incentivo de órgãos públicos para que mais profissionais se formem nessa área tão pouco debatida no Brasil, e tenham a mínima garantia de que irão atuar nela, pois muitos dos profissionais que atuam nos setores que tratam de arquivos e patrimônios nem sempre possuem uma formação especializada. Com isso, a partir do debate do conceito de patrimônio material, como mencionado antes, teremos indivíduos mais cientes dessa carência e consciência de patrimônio e arquivística que vem se perpetuando no Brasil.

Pollak (1992, p. 2) traz uma nova visão de patrimônio e do sentir-se pertencente ao mesmo: “[...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.”. Dito isto, a memória e a identidade constituem um patrimônio, Pollak desenvolveu a perspectiva de que essa memória pode se confundir, assim como acontece nos monumentos de Pelotas. Os chafarizes, estátuas e casarões no centro da cidade, por exemplo, fazem alusão a um passado traumatizante, escravocrata, homenageando senhores que mantinham sua economia na base da exploração. Algumas pessoas, mesmo descendentes de indivíduos que sofreram com esse período, atualmente sentem-se pertencentes, possuem um sentimento de preservação por esses patrimônios pelotenses. Se levarmos em conta toda problemática por trás da sua história, os patrimônios de Pelotas seriam outros.

A identificação com os patrimônios se dá na forma de permanência da memória e confusão dos fatos e períodos históricos. Uma memória coletiva pode ser influenciada, se memórias individuais mantiverem vínculos com determinado monumento. Os bens culturais registrados de Pelotas, na maioria das vezes, se localizam em áreas centrais, onde ocorrem várias trocas, sejam elas familiares ou afetuosas e se mesclam (CANDAUI, 2016, p. 221). Logo, essa memória que desperta o sentimento de pertencimento e preservação, em determinados casos, pode ser apenas uma confusão de lembranças de numerosas memórias individuais que transformam a memória coletiva e retiram o foco dos lugares que realmente merecem a atenção e salvaguarda da história da população pelotense, e não apenas de uma pequena parcela de indivíduos que detém o poder político local.

O presente trabalho vislumbrou, justamente, introduzir o debate na escola, por menor que seja, sobre o patrimônio da cidade e porventura despertar o interesse dos alunos nas discussões sobre o espaço físico e o que pode ser feito para melhorá-lo. Evelina Grunberg (2007), em “Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial”, descreve diversas maneiras para trabalhar a questão do patrimônio dentro da escola e com a comunidade, de modo que naturalmente alguns pontos importantes na formação da cidadania sejam discutidos, tornando esses alunos mais familiarizados com o que seria parte da cidade e de que forma eles poderiam interferir nas escolhas do que será preservado.

Basicamente, o projeto foi fundamentado a partir de textos de quatro autoras, começando com a recém citada acima, Evelina Grunberg, a qual nos auxilia a pensar e definir práticas que colaboram para o entendimento do tema, nos fazendo chegar até a dinâmica do jogo da memória para despertar

o interesse dos alunos. Além disso, Grunberg (2007, p. 5) também norteia o conceito de Educação Patrimonial ao afirmar que:

Chamamos de Educação Patrimonial o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações. Mas o que é Patrimônio Cultural? São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança. Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc.

Através desse entendimento, definimos a metodologia de Educação Patrimonial a partir de quatro etapas, as quais foram sistematicamente utilizadas ao longo deste trabalho. A primeira é a *observação*, com o intuito de explorar o bem cultural conhecendo sua história; a segunda etapa é o *registro*, desenvolvido através das lembranças que os indivíduos têm do bem (essa etapa ocorreu através da utilização das fotografias inseridas no jogo); a terceira etapa é a *exploração*, configurada com discussões e perguntas acerca do assunto; o que nos leva à última etapa de *apropriação*, onde os alunos recriam o bem material, simbolizada através da prática com as massinhas de modelar, como veremos a seguir. Todas essas etapas têm o intuito inicial de construir conceitos que levam à reflexão desses indivíduos, os fazendo valorizar, conseqüentemente, o patrimônio que estejam conhecendo (GRUNBERG, 2007, p. 6).

A segunda autora que nos ajuda na construção teórica deste trabalho é Renata Fratini (2009), demonstrando a importância dessas práticas que podem e devem ser desenvolvidas também em outros espaços, neste caso a Escola, a fim de contribuir com a ideia de que a Educação Patrimonial precisa ser discutida nos mais diferentes âmbitos. Por isso, a possibilidade de se trabalhar em conjunto com outros campos deve ser citada aqui, fazendo uma conexão com outras áreas do conhecimento, pois abre caminhos para a criação de algo interessante aos que estiverem presentes no desenvolvimento das atividades propostas nessas reflexões, sobre o quanto se desconhece o patrimônio da cidade onde se vive. A autora Heloisa Liberalli Bellotto (2000), também integra nossa base de conhecimento, pois ela nos oferece uma visão direcionada às políticas e ações voltadas para a cultura e educação, apontando

o início dos estudos acerca do tema desde meados dos anos oitenta do século passado e as dificuldades e desafios para a construção desse saber tão necessário na sociedade.

Por fim, Maria de Lourdes Parreira Horta (1999), responsável por reconstruir o panorama da Educação Patrimonial no Brasil, com seu Guia retoma de maneira completa os conceitos que permeiam o patrimônio até agora vistos, bem como a relevância de conhecermos esses processos culturais, que nos envolvem nas mais diferentes manifestações de uso, despertando interesses, habilidades e conhecimentos que nos enriquecem como indivíduo. Dessa maneira, ela dialoga com métodos que tratam de um assunto que deveria se fazer presente no ensino público, desde as séries iniciais, além das etapas metodológicas que podem ser inseridas facilmente em sala de aula através de diferentes dinâmicas. Mas também, discute que as práticas de Educação Patrimonial ainda carecem de atenção por parte dos profissionais da área.

Etapas Educativas

O projeto ocorreu em três etapas, partindo do contato com a direção da escola para a autorização e ajustes no cronograma previamente combinado, passando pela fase de observação da turma, para que as atividades fossem delimitadas com o grau de interesse dos alunos e finalmente iniciar da aplicação do projeto.

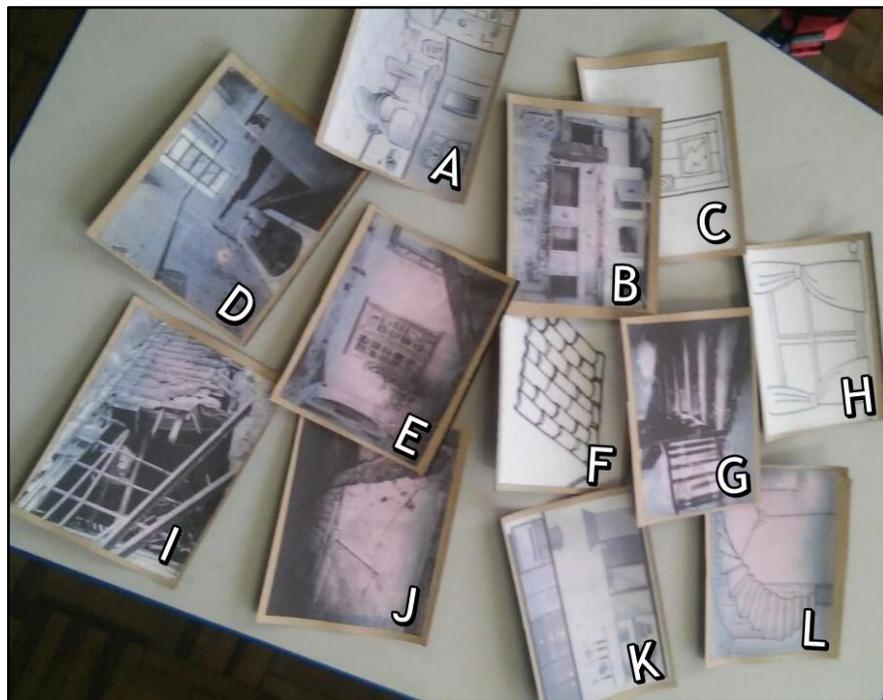
Assim, chegando lá encontramos uma turma muito receptiva. A professora responsável nos apresentou e os orientou para que colaborassem com as atividades propostas. Logo, começamos a conversar com o grupo a fim de conhecer mais sobre suas vidas. Dessa forma, começamos a explicar mais sobre a história da família Simões Lopes, bem como a história da construção do Castelo, configurando a primeira etapa metodológica, a observação (GRUNBERG, 2007, p. 6). Para nossa surpresa, descobrimos que o Castelo Simões Lopes já era um conhecido de longa data pelos alunos, os quais possuíam uma relação muito estreita com o mesmo, pois a maioria era residente do bairro Simões Lopes. Este aspecto na medida em que facilitou, também se tornou desafiador, pois estávamos trabalhando com algo que eles já conheciam e conviviam em seu cotidiano.

Dessa conversa descobrimos inúmeras histórias, nos fazendo perceber a noção de pertencimento que os alunos possuíam sobre o patrimônio apresentado. A partir desse momento, começamos a provocá-los com questionamentos como: “Vocês sabem o que é um patrimônio?” e “Para que serve?”, construindo uma visão de “bem material” naturalmente. Com a participação efetiva

da turma, foi possível inserir outra dinâmica, com a proposta de se tornarem “Guardiões do Castelo”, tendo o papel de auxiliar na manutenção das condições do espaço, já que muitos deles frequentavam o terreno para brincar. Entretanto, os instruímos a não jogarem lixo no local e lembramos do dever de esclarecer as pessoas próximas sobre todos os cuidados na preservação, exercendo as funções de um verdadeiro “Guardião”. Esta dinâmica foi muito bem recebida pela turma, entusiasmando-os ainda mais para as próximas etapas do projeto.

Logo, os dividimos em três grupos, sendo as responsáveis pelo projeto encarregadas de supervisionar as atividades práticas. Deste modo, foram selecionadas algumas fotos do Castelo Simões Lopes em seu estado de conservação na época (2017), na tentativa de ilustrar seu grau de degradação, consequência do vandalismo e da ação do tempo em paralelo com a falta de manutenção estrutural. Após a ambientação utilizando material confeccionado pelas próprias integrantes do projeto, iniciamos a dinâmica do jogo da memória, no qual foram utilizadas as fotos do Castelo e ilustrações de objetos em pleno estado de conservação, formando pares seguindo as regras básicas do jogo (Figura 1), para que os alunos conseguissem identificar as diferenças e conseqüentemente os problemas estruturais que o espaço apresentava, caracterizando a segunda etapa do processo – o *registro* – através das lembranças que as crianças iam relatando possuir do bem (GRUNBERG, 2007, p. 6), suas experiências e vivências no Castelo. Para esta atividade, foram utilizadas as fotografias disponíveis no artigo “Estudo Histórico do Castelo Simões Lopes” (FERNANDES; LUZ; VITALINO; THELHEIMER, 2014), pois necessariamente precisavam ser verossímeis, dados os problemas previamente descritos. Dessa forma, buscando alternativas dentro do ambiente de sala de aula, para a segurança do alunado, foi possível traçar a implantação de uma dinâmica que conversasse com os conceitos, mas que também fosse atrativa aos alunos.

Figura 1. Jogo da memória, conjunto de seis pares, entre fotografias e ilustrações. (A-D) Fotografias do Banheiro, (B-K) Ilustração da Cozinha, (C-J) Fotografias da Porta, (E-H) Ilustração da Janela, (F-I) Fotografias do Telhado, (G-L) Ilustração das Escadas.



Fonte: Acervo da autora.

O três jogos da memória, confeccionados pelas integrantes do projeto para trabalhar com os três grupos de alunos simultaneamente, é composto por seis pares: o primeiro par é composto pela fotografia do banheiro do Castelo (Figura 1D) e de uma ilustração do banheiro (Figura 1A); o segundo par trata-se de uma fotografia dos armários da cozinha do Castelo (Figura 1B) e uma imagem que remeta esse espaço (Figura 1K); o terceiro par demonstra a situação da porta do Castelo, que está no chão na fotografia (Figura 1J), seguido do desenho de uma porta (Figura 1C); o quarto par do jogo, representa a janela do Castelo, que parece estar quebrada e cercada de vegetação (Figuras 1E e 1H); o quinto par mostra a fotografia do telhado visivelmente danificado (Figura 1I) e uma ilustração que remete às telhas (Figura 1F); o último par revela uma fotografia do estado de conservação das escadas (Figura 1G), junto a uma ilustração de escada em espiral, como no Castelo (Figura 1L).

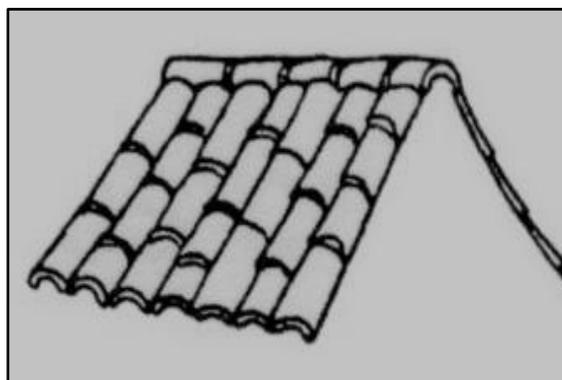
A finalidade desta atividade foi aguçar a percepção das crianças quanto ao estado material do prédio, com fotos de seu interior, as quais deixavam evidente a degradação do patrimônio, e seus respectivos pares eram ilustrações, a fim de uma identificação e sintetização mais eficiente (Figuras 2 e 3). No decorrer desta atividade, alguns questionamentos eram feitos para fomentar a discussão, como: “O que será que aconteceu?”, “O que há de diferente?” ou “Na casa de vocês é assim?”, fase determinada como *exploração*, onde se discutem as questões acerca do tema (GRUNBERG, 2007, p. 6). Depois das atividades, essas perguntas tiveram suas respostas desenvolvidas em conjunto pelos grupos, gerando uma interação cada vez maior das crianças e despertando a curiosidade sobre um patrimônio edificado do qual elas não tinham muitas informações de cunho histórico prévio, mesmo possuindo essa aproximação com o bem material, redescobrimo este espaço que até então se apresentava “corriqueiro” no cotidiano da turma.

Figura 2. Fotografia do telhado do Castelo.



Fonte: Fotografia retirada do artigo “Estudo Histórico do Castelo Simões Lopes”, 2014.

Figura 3. Ilustração de telhado.



Fonte: Acervo da autora.

Além de ser uma atividade lúdica, ela proporciona oportunidades para questionamentos como: “Porque o Castelo se encontra nesse estado de conservação?” ou mesmo “O que é preciso fazer para que essa realidade mude?”. Com base nessas e outras indagações, criou-se a cada descoberta, um par de novas perguntas que ao longo do processo foram respondidas, de acordo com o entendimento gradual da turma, possibilitando que uma roda de conversa fosse realizada ao fim da experiência, para refletir mais sobre quais foram as percepções da turma e seu nível de assimilação sobre o tema. Este momento foi fundamental para descobrirmos se a turma conseguiu identificar os problemas apresentados no jogo da memória. Assim, conseguimos notar em suas falas a consciência de que aquele bem estava comprometido, que havia essa percepção e uma certa comoção por parte da turma em não poder acessar aquele espaço de maneira mais efetiva. Era notório que a turma gostaria de ter um contato mais próximo do Castelo, com atividades diversificadas desenvolvidas em seu interior, além de aprender mais sobre sua história.

Posteriormente, ainda em pequenos grupos, propusemos uma atividade de fixação brincando com massinhas de modelar. Cada grupo ficou encarregado de confeccionar uma parte do Castelo Simões Lopes, resultando em uma maquete que seria construída no final da atividade (Figura 4), assinalada como a última etapa metodológica de *apropriação*, onde ocorre a reprodução do bem (GRUNBERG, 2007, p. 6). Um dos grupos ficou responsável pela base do castelo, o segundo grupo ficou incumbido de fazer os indivíduos que frequentam o Castelo (nesse caso, nós mesmos, desenvolvendo ainda mais a noção de pertencimento), através das atividades relatadas pela turma, como brincar, comer frutas, descansar embaixo das árvores, piqueniques, etc. O último grupo ficou encarregado de produzir o jardim para o seu entorno. Ao final da prática, as esculturas se transformaram em uma maquete colorida e cheia de imaginação. As crianças acabaram se divertindo bastante durante o processo, ficando ainda mais maravilhadas ao vê-lo finalizado.

Figura 4. Maquete do Castelo Simões Lopes confeccionada com massinhas de modelar pelos alunos da turma.



Fonte: Acervo da autora.

Na fotografia acima, vemos a maquete de massinhas de modelar finalizada. Nela, podemos observar no canto superior esquerdo a representação feita por um dos grupos sobre o Castelo Simões Lopes, próximo ao portão feito com a cor amarela, podemos visualizar uma placa, nela os alunos escreveram “Não jogue lixo aqui!”, lembrando o que havíamos conversado sobre os deveres de um “Guardião do Castelo”. A segunda placa feita, se encontra no lado direito, e essa chama a atenção, já que nela está escrito “Amor e Paixão” acompanhado do desenho de um coração, sentimento compartilhado entre os colegas da turma sobre o Castelo. Nesse contexto, os alunos mostraram o quanto possuem carinho pelo espaço, já que muitas das brincadeiras acontecem lá mesmo, foi um dia especial para a turma, já que o Castelo ganhou mais um significado. Ainda, na composição da maquete, vemos as inúmeras árvores, carregadas de frutas, das quais muitos se deliciam em dias quentes de muita brincadeira. Quando a proposta da maquete foi feita, não existia nenhuma demanda referente às placas ou mesmo de como deveria ser, apenas que pensassem no Castelo e tentassem reproduzi-lo como lembravam. Durante a dinâmica os alunos fizeram relatos a partir de momentos vivenciados no espaço, contavam com empolgação de quando subiram nas árvores de lá, ou mesmo, de como era estar no terraço do prédio, que fez com que até as integrantes do projeto, mesmo não sendo naturais da cidade de Pelotas, quisessem experimentar uma tarde de brincadeiras no Castelo Simões Lopes.

Análise dos Resultados

Durante o desenvolvimento do pré-projeto, tínhamos expectativas bastante palpáveis para o que estávamos propostas a fazer, por isso podemos dizer de um modo geral que o objetivo principal do trabalho foi atingido. Para entender tal colocação, lembraremos a seguir os principais objetivos levantados na concepção inicial do trabalho que acabaram norteando a construção do relatório. Inicialmente, tratamos de despertar o interesse pela preservação do Castelo em meio aos alunos, mostrando que não basta o patrimônio estar institucionalizado, mas também que é preciso o reconhecimento deste perante a comunidade; reaver da história deste patrimônio cultural para cidade de Pelotas, além de questionar políticas públicas de preservação, apontando para a preferência em preservar patrimônios centrais na cidade em contraste aos espaços marginalizados. Essa tensão estabelecida pelo centro e periferia está posta, porém de forma velada, uma vez que não são trazidas à tona tais discussões de maneira efetiva a ponto de haver mudanças por parte da administração pública, levando em conta o esforço no envolvimento da cidade com o “turismo histórico”. Posto isso, passemos a uma análise composta de apontamentos levantados na prática que puderam corroborar para com os nossos objetivos.

Quanto ao primeiro ponto a ser levantado, é necessário reafirmar a nossa grata surpresa ao encontrarmos uma turma de alunos, agentes sociais, que quase em sua totalidade têm o conceito formado de patrimônio histórico, nesse caso, o Castelo Simões Lopes em seu cotidiano. Desta forma, o reconhecimento social do patrimônio pôde ser debatido de forma concreta, com acréscimos da subjetividade que tangencia cada criança envolvida. Este reconhecimento encontra um espaço especial no que diz respeito a nossa formação enquanto indivíduos, isto é, tivemos a oportunidade de aprender com os alunos, moradores do bairro e frequentadores do Castelo, sobre aspectos subjetivos da representação tida no monumento, um verdadeiro vislumbre da apropriação tal qual como ela acontece na prática.

Aprende-se então, que há um reconhecimento da sociedade que circunscreve o patrimônio, sendo os alunos nosso foco, mesmo que haja uma visão distorcida e imbricada da abstração pessoal que resulta na modificação do uso do Castelo, pelo menos no que diz respeito à visão institucionalizada. Neste sentido, consideramos que nosso primeiro objetivo foi cumprido, já que o reconhecimento do cabedal veio junto a um questionamento de práticas promotoras da melhoria naquele espaço,

apontamentos estes que foram tidos tanto no campo pessoal quanto na atribuição de um poder maior, como o da Prefeitura Municipal, que seria capaz de promover uma efetiva preservação.

O segundo tópico foi contemplado em uma discussão inicial sobre a história tanto do Castelo, quanto da figura de seu fundador, Simões Lopes, aparentemente quase que desconhecida pela classe. Após uma breve explanação sobre a história da família Simões Lopes na cidade de Pelotas que conseguimos notar a noção obtida por eles sobre outra contextualização daquele espaço tão conhecido na literalidade. Certamente que aqui o trabalho feito despertou a curiosidade que se espera estendida à tudo que os rodeia.

Quanto ao terceiro e último tópico, cabe referendar a dinâmica realizada com o jogo da memória, onde através de imagens, os alunos observaram a degradação avançada do Castelo contrastada com o arquétipo ideal para a localidade, o que de fato, no início choca, mas gera a problematização necessária. Problematização essa que também abordou a estátua do escritor João Simões Lopes, sobrinho de Augusto Simões Lopes, naquela época, recentemente instalada no centro da cidade. Foi observado por eles a conservação deste ícone, contraposto com a degradação de um complexo arquitetônico referente à mesma família tão prestigiada e extensa no município de Pelotas. Neste sentido, mais uma vez podemos aplicar o debate a respeito de centro e periferia e seus desdobramentos em políticas públicas.

Concluindo, acreditamos que sempre se pode complementar ou inovar de forma a atingir maior aperfeiçoamento desta prática, o que pode ser observado através dos inúmeros trabalhos desenvolvidos nesta área do conhecimento. Tendo isso em vista, cabe ainda refletir que enquanto discentes, seguimos discutindo a respeito de práticas e Educação Patrimonial, havendo sempre a possibilidade de uma continuação do que já foi iniciado. Ademais, se faz necessário ter em mente, que o estudo não termina, ele busca complementar os estudos já existentes por intermédio de mais uma experiência em sala de aula, na possibilidade de expansão do tema para outros espaços férteis.

Possibilidades abertas pelo Projeto

A partir da realização dessa prática, foi perceptível a importância do modo como o assunto foi abordado, capturando a atenção dos alunos, principalmente se tratando das crianças. O projeto procurou tratar de memória e pertencimento; com as atividades realizadas foi possível despertar nos grupos diferentes interesses sobre variadas partes do Castelo Simões Lopes. Após esse momento,

quando a dinâmica fora aplicada, a mudança no método de manter a atenção dos alunos na proposta do projeto, foi um dos pontos centrais para que as atividades fossem bem sucedidas, a escolha de formação de grupos, por exemplo, foi outro fator que contribuiu para o êxito do trabalho.

Com as observações feitas pelas integrantes do grupo sobre a troca de brincadeiras, a sugestão para novos projetos é justamente essa: versatilidade na maneira de abordar as dinâmicas com o grupo e deixar que eles se apropriem do lugar. A atividade feita em aula trouxe à tona alguns desejos dos alunos para que o patrimônio viesse a ser um museu. Logo, uma das atividades que poderia vir a ser aplicada junto ao patrimônio, seria um estudo, por parte das crianças, tanto fotográfico quanto de exploração do entorno do perímetro em que se encontra o Castelo, onde as crianças pudessem interagir com o espaço que rodeia a edificação, que é rico em árvores frutíferas e flores.

Felizmente, a realidade do Castelo Simões Lopes se transformou já em 2016, pois o Castelo ficou sob responsabilidade do Instituto Eckart² até 2032, por meio da Lei Municipal 6.311/2016 - que autoriza o uso criativo, revitalização e restauração de imóveis históricos (SILVA; EYMAEL; WITZORECKI; 2020). O projeto conta com ajuda de patrocinadores e apoiadores interessados no patrimônio cultural de Pelotas. Em um primeiro momento, o processo de restauro ficou restrito à área da garagem previsto para o final de 2017 (que só teve seu início no primeiro semestre de 2018) para que posteriormente fosse iniciada a revitalização do jardim histórico. No início do ano de 2020, o Instituto fez um chamamento à comunidade, visando parcerias para a realização de feiras e festividades em geral, com a intenção de montar bancas com os mais diferentes produtos provenientes de pequenos produtores de orgânicos e microempresários, uma proposta que acabou integrando a comunidade ao um espaço pouco utilizado.

Dito isto, o Instituto desenvolveu diversos encontros no Castelo, eventos que promoveram a participação da comunidade com amostras de fotografias e a exibição do projeto completo de restauro, demonstrando os passos das atividades dentro e no entorno do prédio. Com isso, houve o retorno à comunidade que desejava há muito tempo um espaço de qualidade para atividades de lazer e cultura, além de rodas de conversa no interior da edificação, eventos prevendo visitas guiadas, oficinas de cartografia, eventos desenvolvidos em suma no chamado “Domingo no Castelo”. Foram pensadas

² Um Instituto sem fins lucrativos, organizado para trabalhar a Educação Empresarial alinhado aos seguintes princípios: Competitividade; Perpetuidade; Conectividade; Disponibilidade; Cidadania; Sustentabilidade e Parceria, segundo o site do próprio Instituto.

inúmeras atividades para enfim contemplar a comunidade existente no bairro Simões Lopes, que mesmo não estando finalizados já demonstra seus frutos (SILVA; EYMAEL; WITZORECKI; 2020).

Em um dos grupos que foi aplicado o projeto, foi esculpido, com massinhas de modelar, o jardim. Pensando nisso, outra atividade que poderia ser feita após o restauro do lugar, seria levar as crianças até lá e explorar o espaço. Pela possibilidade de realização de tantas brincadeiras, já estaria sendo um lugar de pertencimento pela importância que desempenharia na vida de cada um que usufruísse dele, sendo constantemente ressignificado nesse processo.

Por fim, a parceria bem sucedida com a escola abre novas possibilidades para projetos futuros, onde a interação sugerida anteriormente pudesse ser realizada, e não só essa, mas nas mais variadas praças que são parte do cotidiano de diversas famílias que muitas vezes por não estarem situadas nas regiões centrais da cidade, acabam perdendo visibilidade, principalmente pelo descaso da Prefeitura Municipal. Tratar do assunto de preservação dos patrimônios e demonstrar às crianças que não são apenas os casarões do centro de Pelotas que carregam esse título de patrimônio é o primeiro passo para que os bairros mais distantes do centro possam se tornar lugares agradáveis e passíveis para a aplicação de novos projetos com o auxílio da comunidade.

Considerações Finais

Ao relatarmos neste artigo um projeto que discutiu as primeiras impressões de Educação Patrimonial junto aos alunos de uma escola pública do bairro Simões Lopes em Pelotas, esperamos ter corroborado para os estudos que cercam essa temática tão pertinente, que se faz cada dia mais necessária, em se tratando dos diversos monumentos que se encontram em situação de descaso público e também social. Desta forma, a sociedade seria convidada a se engajar com ações diretas de conservação do patrimônio, exercendo assim uma cidadania plena de seus direitos e deveres.

Cidadania esta que, por meio deste projeto, procuramos apontar aos alunos estar presente em cada ação realizada por eles. Além de familiarizá-los com a acepção de direitos e deveres, procuramos também motivar sua inserção em um espaço de classidade ampla e plena, com relação à consciência no sentido de pertencimento de um determinado grupo. Isto é posto porque acreditamos que a identificação com o patrimônio é de extrema importância e se relaciona diretamente com a cidadania, convergindo para com o famoso exposto de Hobsbawm (2006, p. 96) de que “há classes que tem mais

classidades que outras”, mas que no entanto, deve ser feita de forma crítica e amparada em ações reais de vinculação.

Além disso, verificamos que o maior desafio nesse projeto foi a elaboração de atividades que incentivassem os estudantes e também chamasse a atenção do público. Sendo assim, buscamos solucionar todas as questões com muita naturalidade e simplicidade, com aproximação à realidade dos alunos. Ainda, podemos dizer que possíveis problemas com a temática ou mesmo com as propostas não aconteceram, graças à bibliografia que vínhamos trabalhando ao longo das disciplinas de Educação Patrimonial I e II; foram as leituras de relatos, por exemplo, que nos ajudaram a decidir nossas atividades e por onde começar, pois nos mostraram caminhos para o desenvolvimento desde o anteprojeto até a prática.

Sabemos que o contato com esse tipo de tema continua insuficiente em certas escolas, por isso a importância de saber que não seria em um único encontro com a classe de alunos nem, possivelmente, na primeira vez que fossem expostos a esse assunto que iriam dominá-lo. Por isso, esse projeto foi uma porta de entrada para mais contatos com o tema “Patrimônio e bens materiais”. Sabemos que depois de estar dentro de uma sala de aula fica difícil imaginar o que pode acontecer e que nem sempre os planos de aula seguem seu fluxo.

Entretanto, o potencial deste trabalho nos revela que, ao propiciar a reflexão aos alunos que vivem em uma cidade onde apenas os grandes casarões do centro são evidenciados, se possibilita o “olhar mais para o lado”, para a parte periférica da cidade e notar que existem outros lugares que são bonitos, que possuem sua importância histórica, embora degradados, e o quanto eles ainda podem fazer por esses lugares tão relevantes de memória. Sendo assim, foi com sentimento de gratidão que encerramos esse projeto, que nos trouxe muito mais do que poderíamos imaginar desde seu início, proporcionando a inserção em um universo novo de representação e patrimônio edificado, um processo que julgamos de extrema relevância na vida dessas crianças. Esperamos novas oportunidades de discussão neste campo tão vasto.

Referências

- BELLOTTO, Heloísa. Patrimônio Documental e Ação Educativa nos Arquivos. In: **Ciências e Letras**. Porto Alegre, N°27, Jan/Jun., 2000.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016. p. 221.

CUSTÓDIO, J.. **Educação patrimonial**. *Revista da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico*, 1 (4), 2000, 10-11.

FERNANDES, Gabrielle da Gama; LUZ, Rafael Corrêa; VITALINO, Thamara Brughnago; THELHEIMER, Vinicius. **Estudo Histórico do Castelo Simões Lopes**. 2014. Pelotas, RS.

FERREIRA, Paulo Ricardo Silva; FICAGNA, Clarice; STEIMETZ, Cristiane; SILVA, Leonardo. Instituto Eckart, 1981. **Instituto de educação e consultorias modelo de excelência e inovação em suas áreas de atuação, sem fins lucrativos**. Disponível em: <<http://https://eckart.com.br/site/>>. Acesso em: 23 out. 2020.

FRATINI, Renata. Educação Patrimonial em Arquivos. In: **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público de São Paulo**, N°34, 2009.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de Atividade Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

IPHAN. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 2014.

LUCENA, Caio Cardoso; BARROS, Cida; SOSTER, Sandra Schmitt (Org.). **Pelotas – Castelo Simões Lopes. IPatrimônio**, 2017. Plataforma colaborativa, sem fins lucrativos, com o objetivo de reunir os bens culturais brasileiros reconhecidos pelos órgãos oficiais. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/pelotas-castelo-simoes-lobes/#!/map=38329&loc=-31.773545966657544,-52.34983205795288,15>>. Acesso em: 10 out. 2020.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

OLIVEIRA, M. A.; TAMBARA, E.; AMARAL, G. L. Imagens do cotidiano escolar: uma análise das fotografias de práticas escolares publicadas no Relatório Intendencial de 1928, do governo de Augusto Simões Lopes (1924-1298). **Revista Lusófona de Educação**, 2010, vol.16, no. 16, p. 89-102.

PEREIRA, Maria da Piedade Rolo Pereira; CARDOSO, Ana Paula Pereira Oliveira Cardoso. **A escola e a educação patrimonial: perspectivas de intervenção**. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, Angela Mara Bento; MACHADO, Carlos José de Azevedo. **Subprojeto História - Educação Patrimonial: compartilhando os bens de Jaguarão**. In: Iniciação à docência: relatos de coordenadores sobre experiências no Pibid. São Leopoldo: Oikos, 2014.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert; SANTOS, Tiago Fonseca dos. Educação Patrimonial: Um Caminho à discussão sobre a cidadania a partir da História Local. In: **Revista Eletrônica de Extensão**. v. 5, nº 1. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br>>. Acesso em: 7 out. 2020.

SILVA, Claiton; EYMAEL, Dayane; WITZORECKI, Berenice. **Castelo Simões Lopes, em Pelotas, recebe propostas para parcerias em eventos.** Portal de Camaquã, 2020. Portal de Notícias da região Centro-Sul do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.portalde Camaqua.com.br/>>. Acesso em: 24 out. 2020.

TEIXEIRA, C. A. R. A educação patrimonial no ensino de história. BIBLOS: **Revista do Departamento de Biblioteconomia e História.** Rio Grande, n. 22, v. 1, p. 199-211, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/868/347>>. Acesso em: 2 out. 2020.

TORRES, Ariela da Silva; BEZERRA, Miguel Tarouco. **Castelo Simões Lopes - um descaso com a história e o dinheiro público na cidade de Pelotas/RS.** PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção. Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 129-138, abr./jun.. 2015. ISSN 1980-6809. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8635014>>. Acesso em: 22 out. 2020.